

**INSTITUTO DE PSICANÁLISE HUMANISTA**  
**IMED**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM PSICANÁLISE**

**Eliziane Dias Arrojo Perobelli**

**A CRIANÇA E O ATENDIMENTO PSICANALÍTICO**

**Santa Maria – RS**

**2011**

Eliziane Dias Arrojo Perobelli

## A CRIANÇA E O ATENDIMENTO PSICANALÍTICO

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise Clínica, do Instituto de Formação em Psicanálise em convênio com o Complexo de Ensino Superior – IMED, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Psicanálise Clínica, sob orientação da professora Carla Cristine Mello Froner

Santa Maria – RS

2011

## RESUMO

A infância é uma etapa do desenvolvimento do ser humano que é decisiva para o processo de formação emocional, social e intelectual e é neste contexto que foi necessária fazer uma viagem no tempo sobre a representação da criança em uma visão histórica, procurando enfatizar os danos à estruturação psíquica, quando não são respeitadas as etapas da fase do desenvolvimento.

A criança traz para o consultório, ela, o simbolismo, o imaginário, neste contexto o analista tem que se desdobrar, para perceber o que a criança está querendo mostrar, ele deverá estar preparado para interpretar os significados dos sintomas através do lúdico, porque esta é a linguagem da criança, ela interpreta os seus sentimentos através do jogo, das brincadeiras, da espontaneidade.

A família exerce forte influencia sobre os seus membros em relação às etapas do desenvolvimento social, intelectual e emocional, para tanto é de total relevância que se reflita o quanto preciso é incluir a família da criança junto ao tratamento analítico, para juntos, analista e família encontrarem soluções, pois muitas vezes as crianças apresentam sintomas que são um pedido de socorro não só para elas, mas para todo o seu contexto familiar. A psicanálise Humanista de Fromm leva em consideração o sujeito e tudo o que dele faça parte, ou seja, o comportamento social do homem, suas formas de interagir no meio em que vive.

Palavras chaves: criança, Psicanálise, família.

## SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	5
2. A INFÂNCIA E A TRAJETÓRIA DA CRIANÇA .....	7
3. UM BREVE RESUMO DA PSICANÁLISE PARA CRIANÇAS .....	13
4. COMO É VISTA A CRIANÇA NA PSICANÁLISE .....	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	23
BIBLIOGRAFIA .....	25

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Psicanálise é uma ciência que se preocupa, escuta, interpreta a “dor do outro”, ela é repleta de simbologia, arte, e teoria. Escutar o outro na visão psicanalítica demanda paciência, respeito, dedicação e estudo a cerca do ser humano como um todo.

A presente pesquisa se propôs a estudar o universo infantil, desde as diferentes formas com as quais as crianças foram sendo vistas e tratadas há tempos passados, até quando os pequenos começaram a chamar a atenção quando demonstravam comportamentos diferentes, onde, psicanalistas começaram a se aprofundar na análise com crianças, antes feita somente com adultos.

Crianças são seres alegres, autênticos, e é consensual que a infância é melhor época de ser vivida, embora para muitas pessoas não tenha ocorrido como deveria. É o tempo das descobertas, das brincadeiras, dos amiguinhos imaginários inseparáveis, do colo da mamãe.

Intensifica-se aqui a importância da família como estruturação dos primeiros vínculos da criança. Para muitas pessoas, a família proporciona uma fonte vital de consolo e conforto, amor e companheirismo. No entanto também pode ser um lugar de exploração, solidão e profunda desigualdade.

Às vezes os sistemas familiares são ineficientes, uns dão amor de mais (super proteção) aos seus filhos, outros amores de menos (descaso), além da existência dos mitos, a adoção, o abandono, a falta de informação, etc.

Haja vista que na maioria dos casos em que uma criança é trazida ao consultório

analítico por apresentar comportamento desajustado, o analista necessita auxiliar a família a tomar consciência dos mecanismos que foram determinantes à formação dos sintomas apresentados pela criança que, muitas vezes, se apresentaram não só como porta voz de uma dinâmica comprometida, mas de todo o funcionamento de seus membros.

O ser humano sempre precisa do outro, desde o momento que somos concebidos somos desejados pelo outro; o bebê ao nascer precisa imediatamente da proteção de sua mãe e a partir daí a atenção que esta mãe dará ao seu filho é o que estará constituindo a estrutura psíquica do mesmo.

A psicanálise Humanista de Erich Fromm leva em consideração o sujeito e tudo o que dele faça parte, ou seja, o comportamento social do homem, suas formas de interagir no meio em que vive.

Parte-se, num primeiro capítulo, de como a criança era vista antigamente e quais eram os sentimentos e relações frente à infância, fazendo um percurso pela história da mesma desde a Sociedade Medieval.

No segundo capítulo com o objetivo de entender como ocorreu o interesse pelo psiquismo infantil faz-se uso aqui do legado deixado por psicanalistas que se propuseram induzir suas teorias e técnicas à psicanálise com crianças, assim como Winnicott, Anna Freud, Melanie Klein outros.

O terceiro capítulo traz um breve resumo de como se estruturou o atendimento psicanalítico com crianças, suas dificuldades, especificidades e divergências teóricas.

No quarto e último subtítulo trata-se de como a criança é vista na psicanálise onde se evidencia e a importância dos pais, ou de um deles, no tratamento analítico com a criança.

Traz uma breve explicação dos resultados obtidos com a pesquisa. A partir deles foram estruturadas as considerações finais que encerram o presente trabalho. Cabe reforçar que o tema, os objetivos e o referencial teórico deste trabalho não se esgotam na pesquisa que ora se encerra, sendo que eles são merecedores de contínuos acompanhamentos, tanto da criança quanto do segmento familiar.

## 2 A INFÂNCIA E A TRAJETÓRIA DA CRIANÇA

Ser criança é estar livre para brincar, sonhar, expressar-se; ser criança é chorar quando tem vontade, é fazer birra quando algo lhe desagrada, pois, a criança é autêntica e sincera.

É consensual que toda a criança necessita de cuidados carinhosos e atenção e que a infância é uma etapa importantíssima no desenvolvimento humano, portanto esta fase merece atenção especial. Porém, é importante ressaltar que a atenção e proteção que é dada hoje, e nem sempre cumprida, a criança e, a ideia de infância já sofreu várias alterações ao longo dos séculos.

De acordo com o que será visto neste estudo em relação à criança e o modo como elas eram tratadas na antiguidade nos faz pensar quanto sofrimento psíquico era acarretado à vida adulta dos indivíduos.

Atualmente diante de tanta informação a respeito do desenvolvimento da criança, e embora ainda se cometam atrocidades em relação à criança e a infância como um todo, hoje há uma preocupação em relação a esta fase, a qual é tão decisiva para a formação da personalidade humana.

Os processos de formações emocionais, intelectuais e sociais vão sendo aos poucos amadurecidos, nesta etapa do desenvolvimento infantil, por isso se tornam tão relevante a forma como a infância é vivida.

Para compreender ser humano como um todo, é preciso utilizar-se de várias ciências como: a sociologia, antropologia, teologia e outras, com este propósito de conhecimento humano, neste capítulo foi feita uma retrospectiva sobre a representação

da criança em uma visão histórica amparando-se na obra de Ariès (1978).

É doloroso constatar que ainda hoje em meio a tantas informações as crianças ainda sofrem por situações de maus tratos, abandono, negligência.

Segundo o que a psicanálise preconiza, as repetições familiares ou culturais podem se estender por décadas. Inconscientemente as pessoas repetem o que era vivido, compartilhado, ou praticado por seus ancestrais sem terem a consciência de tais repetições.

A história nos revela, segundo Áriès (1978), que as crianças se apresentam como ausentes da história até Modernidade pelo simples fato de que no passado, mais precisamente da Antiguidade à Idade Média, não existia a chamada infância enquanto objeto de discurso e nem esta figura cultural e social que hoje é conhecida com o nome de criança.

O autor afirma que as crianças eram gestadas, paridas, amamentadas, criadas e até abandonadas, ou muitas vezes morriam antes de crescer; a elas não era atribuída a significação social e discursiva, a qual lhe foi concedida somente após o século XVIII com o advento da Idade Moderna.

Na sociedade medieval que neste capítulo se toma como ponto de partida para fazer um percurso pela história da infância, o sentimento de infância não existia, mas isto não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas.

No mundo medieval criança era uma palavra, invisível, sem significado Tuchman (apud POSTMAN, 1999, p.32-33) resume esta idéia assim: "De todas as características que diferenciam a Idade Média da moderna, nenhuma é tão contundente quanto à falta de interesse pelas crianças". Pode-se notar nesta afirmativa uma ausência de sentimento em relação a infância na Idade Média, pois neste período de nossa história a criança:

[...] tinha um papel social mínimo, sendo muitas vezes, consideradas no mesmo nível que os animais (sobretudo pela altíssima mortalidade infantil, que impedia um forte investimento afetivo desde o nascimento), mas não na sua especificidade psicológica e física, a tal ponto que eram geralmente representadas como pequenos homens, tanto na

vestimenta, como na participação na vida social. Até os seus brinquedos são os mesmos dos adultos e só com a Época Moderna é que se irá delineando uma separação (CAMBI, 1999, p.176).

Isto revela que não se levava em consideração as diferenças entre crianças e adultos. Assim que a criança passava a não depender tanto da mãe, entrava diretamente no mundo dos grandes. O bebê era paparicado, as pessoas se divertiam com as crianças pequenas como se elas fossem animaizinhos ou brinquedinhos dos adultos. Era como se as crianças fossem quase “anônimas”, viviam misturados aos adultos sem distinção significativa.

Segundo Ariès (1978) até o século XVII, a mortalidade infantil era muito alta, devido às condições precárias de higiene e saúde. As crianças só eram consideradas “gente” quando conseguiam “vingar” e realizar as tarefas dos adultos.

O mesmo autor relata que no Brasil o abandono e o infanticídio foram práticas presentes por um longo período. No século XVII as crianças eram deixadas nas chamadas “Rodas dos Expostos” ou eram deixadas em casas de famílias bem situadas economicamente, mas também em casas de colonos, trabalhadores e prostitutas.

Os objetivos declarados das rodas estavam relacionados à proteção da honra da família colonial em relação aos nascimentos ilegítimos.

Essa evolução da família medieval para a família moderna, durante muito tempo se limitou aos nobres, aos burgueses, aos artesãos e aos lavradores ricos. Ainda no início do séc XIX, uma grande parte da população, a mais pobre e a mais numerosa, viviam como as famílias medievais, com as crianças afastadas das casas dos pais. (ARIES, 1978, p.271)

Ainda é Ariès (1978) que historiciza que algumas famílias contratavam estrangeiras para servirem de receptoras aos seus filhos a fim de receberem educação mais formal e mais especializada.

Segundo a visão dos estrangeiros (as) a convivência entre crianças brancas e negras, era prejudicial ao crescimento e a educação de crianças brancas, e

responsável por uma má formação de hábitos das crianças Brasileiras, mas outras famílias ignoravam esse conceito, era comum uma família branca adotar uma criança negra, a qual servia para entreter as crianças brancas (os pretinhos de criação).

A escola surge no final do séc. XVII como consequência de um movimento organizado pela igreja e pelo estado com a intenção de moralizar a humanidade. Ariès (1978) define esta instituição como uma espécie de quarentena, clausura ou prisão onde a criança era segregada até estar liberta para a vida.

Em torno do século XVII inicia-se a discriminação entre o adulto e a criança, perdendo aos poucos a idéia de que são apenas adultos que ainda não cresceram. Neste período a Igreja e os moralistas a percebem como um ser inocente, como puras criaturas pequeninas de Deus, que precisam ter sua inocência preservada e precisam ser educadas, vigiadas e corrigidas.

No século XVIII a atribuição de inocência e fraqueza dada à criança permanece, mas a esta idéia se acrescenta uma maior preocupação em relação aos cuidados físicos perante as crianças. É por volta deste mesmo período, que a modernidade se constitui e com ela surgem no campo discursivo as preocupações com relação ao seu futuro e a criança passa a ocupar um lugar central na família.

A idéia de infância aparece, portanto com a sociedade capitalista urbana – industrial na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel de adulto, assim que passa o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para atuação futura.

Segundo Ghiraldelli,

Os intelectuais no advento dos tempos modernos, nos séculos XVI, XVII, e XVIII, deixaram de ver a criança através da teoria do homúnculo, isto é começaram a abandonar mais ou menos rapidamente a idéia de que a criança era apenas um pequeno adulto, um ser menor e menos perfeito. (GHIRALDELLI, 2002, p.15)

Nasce também com a modernidade um sentimento contraditório que atribui à

criança a ingenuidade e a inocência e, ao mesmo tempo, são vistos como seres imperfeitos e incompletos, a criança passa a ser “paparicada”.

Neste momento a criança começa a ser vista como altamente dependente de proteção por demonstrar absoluta dependência pessoal, e em um segundo momento em “moralização”, demonstrado pelos moralistas e educadores, que acabam por se refletir como oposição na orientação dos modos clássicos de inserção dos novos sujeitos à sociedade, que configura a infância como objeto de estudo, instrução e escolarização.

De acordo com Postman (1999, p.11) infância passa a ser a partir de então “A invenção mais humanitária da modernidade. Ao lado da ciência, do estado - nação e da liberdade religiosa, a infância como estrutura social e como condição psicológica, surgiu por volta do século dezesseis e chegou refinada e fortalecida aos nossos dias”.

Como se pode ver a idéia de infância não existiu sempre e nem da mesma forma. É interessante notar que, apesar da idéia de criança e infância ter se transformado nos dias atuais, muitas das concepções descritas acima permanecem presentes, ainda que de forma disfarçada, em algumas crenças e práticas de nosso tempo.

Atualmente na educação de crianças pequenas houve significativas mudanças, segundo a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, onde as creches e escolas devem fazer parte do sistema educacional.

Entretanto, esse sistema educacional não representa a superação dos preconceitos envolvidos na educação da criança pequena, pois, tem que se ter em vista de que não se deve existir uma troca entre assistencialismo, onde as crianças são somente “cuidadas” em detrimento da educacional, pois se sabe que a criança pequena precisa de cuidado de assistência, e de atenção, além de estímulos pedagógicos. Os profissionais desta área têm que estar aptos a cuidar e educar.

A questão da assistência passa a ser discutida oficialmente através do Referencial Curricular Nacional para a educação infantil (BRASIL, 1998). Lançado pelo ministério de educação no início de 1999, o documento pretende apontar “metas de qualidade”, para a educação infantil, mas que acaba delimitada e restrita a proposta curricular.

Na última década, várias foram as mudanças ocorridas na legislação Brasileira, que define a garantia de atenção às crianças de 0 a 6 anos, configurando-se mesmo, num novo orçamento legal, iniciado pela Constituição federal de 1998 e consolidando, por assim dizer, com a promulgação da nova LDB, em 1996.

Estas mudanças na educação são necessárias, porém, para que sejam satisfatórias é imprescindível que haja uma capacitação para as pessoas que irão trabalhar com estas crianças, oportunizando a elas conhecimento a respeito das etapas do desenvolvimento infantil, para que eles saibam o que fazer, pois não basta gostar de crianças é preciso conhecê-las.

Tudo o que foi descrito aqui em relação a infância e a criança, há décadas passadas, nos faz pensar o quanto a sociedade foi determinante em criar adultos neuróticos, doentes, sendo que, na maioria dos casos as crianças nem chegavam a vingar como um suicídio psicológico, pois segundo a psicanálise o ser humano necessita para sobreviver de carinho, desejo, atenção, não basta alimentar o corpo é preciso alimentar a alma.

### **3 UM BREVE RESUMO DA PSICANÁLISE PARA CRIANÇAS**

Assim como existiu oscilações, práticas e discursos em relação à infância historicamente, o modo como atender psicanaliticamente os pequenos também sofreu algumas alterações ao longo do tempo, de acordo com qual seria o melhor método adotado para analisar as crianças.

A Dra. Hermine Hug-Hellmuth foi a primeira psicanalista que tentou psicanalisar crianças escrevendo, em 1921, um trabalho sobre o tema, ela teve como sua seguidora Anna Freud, que a partir de 1926, começou a analisar crianças.

Anna recomendou uma atenção especial durante as entrevistas preliminares para produzir artificialmente uma demanda de análise, ou seja, conscientizar a criança do seu sofrimento em relação ao seu sintoma e da necessidade de fazer um tratamento. (ANNA Freud: análise pedagógica (1895 – 1982).

Assim ela orientou associar medidas pedagógicas aos meios analíticos, numa tentativa de conquistar a confiança da criança, trabalhando assim a transferência positiva. Afirmava o valor dos sonhos e dos desenhos infantis, apesar de não concordar com a idéia de compará-los com a associação livre do adulto.

Ela sustentou que a criança se recusa a associar livremente. Em relação a isso dizia que Klein se arriscava ao dar à atividade lúdica da criança um valor simbólico, já que nem toda atividade infantil tem um valor simbólico, assim como nem toda fala do adulto corresponde a uma formação do inconsciente. (ANNA Freud: análise pedagógica (1895 – 1982).

Para tanto a psicanálise contou com a contribuição teórica de Melanie Klein, já

citada acima, a qual construiu o seu edifício teórico-técnico a partir da observação do comportamento de bebês e do tratamento psicanalítico com crianças, foi Klein que introduziu, de forma mais sistemática e consistente, o uso de brinquedos, desenhos e jogos na sua técnica.

Segundo Klein (apud ZIMERMAN, 2004, p.48) através da observação da criança com seus brinquedos e jogos é possível “descrever e interpretar para a criança na sua situação analítica as primitivas angústias de aniquilamento, os mecanismos defensivos arcaicos, a existência de um cruel superego primitivo, a forte presença de fantasias inconscientes, as vezes aterradoras para os bebês e as crianças”.

Para Klein as maneiras como as crianças utilizam-se e jogam com os seus brinquedos, é como uma forma equivalente a da “livre associação de idéias”, tal como Freud preconizara. Para tanto Klein observava a criança de uma forma neutra utilizando-se do lúdico para assim interpretar as fantasias inconscientes, que promoviam as angústias inibições e sintomas. (ZIMERMAN, 2004, p.348)

De acordo com a história da psicanálise infantil Anna Freud e Melanie Klein dedicaram quase ao mesmo tempo uma atenção especial ao tratamento de crianças, cada uma com sua técnica específica, enquanto Anna defendia uma “forma nova e aperfeiçoada de pedagogia” e Melanie “a oportunidade de uma exploração psicanalítica do funcionamento psíquico desde o nascimento”, as duas faziam parte das organizações ortodoxas da psicanálise.

Neste período houve várias discussões e diferenças entre estas duas teorias criadas por Anna e Klein, onde Freud manteve-se a parte e nos seus raros pronunciamentos colocou-se ao lado da filha e fazendo severas críticas aos seguidores que apoiavam Klein. Para entendermos melhor à este momento da história psicanalítica o pequeno trecho abaixo vem á ilustrar este momento de divergências entre as duas psicanalistas:

[...] os componentes da sociedade britânica de então ficaram divididos entre Anna Freud e Melanie Klein, o que gerou a célebres controvérsias, no início dos anos 40, que quase resultou numa profunda cisão da sociedade , a qual, foi habilmente contornada por acordos, do que resultou a existência de três grupos- o freudiano, Kleiniano, e o

independente – ainda vigentes na atualidade. (ZIMERMAN, 2004, p.348)

Criam-se então divisões na sociedade britânica de psicanálise estabelecendo-se três correntes de pensamentos; Uma em torno das inovações trazidas por Melanie Klein “kleinianos”; outra em torno de sua principal rival, Anna Freud, chamada “Freudiana, ou ainda annafreudiano” e ainda outra, “independentes”, que aceitavam as duas teorias, mas não queria se vincular estritamente a nenhuma dessas correntes. Donald Woods Winnicott foi um dos principais teóricos desse terceiro grupo. (KEPPE, 2006).

Winnicott criou concepções originais que trouxeram uma grande contribuição para a compreensão do desenvolvimento emocional primitivo da criança, ressaltando que a estrutura familiar deriva em grande parte das tendências para a organização presentes na personalidade individual, pois é o primeiro grupo natural da criança.

Como apresenta Winnicott (apud CIPOLLA, 2005, p.68) “Se as condições favoráveis nos primeiros estágios realmente estimularem a integração da personalidade, essa integração do indivíduo, um processo ativo que movimenta muita energia, afeta por sua vez o ambiente externo.”

Sob este aspecto, quando a criança encontra um ambiente familiar que esteja capaz de compreender e estimular os primeiros estágios, proveniente do desenvolvimento infantil, será assegurada à criança a integração de sua personalidade.

A propósito destas informações, em relação à influência familiar sobre o desenvolvimento do indivíduo, nada mais oportuno que destacar a obra de Françoise Dolto; ela iniciou nos anos quarenta e, pouco a pouco, foi se tornando uma psicanalista inovadora em matéria de psicanálise infantil, e nesta mesma época Winnicott já publicara alguns artigos, porém os trabalhos Klein e Anna ainda não eram conhecidos na França.

Esta extraordinária psicanalista propôs teorizações originais, inovadoras, afirmou que a dinâmica inconsciente funciona desde a concepção, tendo observado desde a infância que as doenças e alguns distúrbios eram provocados por histórias de família. (DOLTO, 1991, p.10).

A clientela de Dolto se baseava a crianças com algum tipo de distúrbio de comportamento, dificuldade escolar, psicóticas, ou seja, crianças difíceis. Dolto

conversava com recém nascidos, e dizia que seus “estados psicossomáticos” eram resposta a uma vivência familiar. (DOLTO, 1991, p.12).

Seguindo a linha do tempo referente ao acréscimo para a psicanálise infantil, dentre às diferentes técnicas e estilos psicanalíticos já citados aqui, é relevante resgatar os escritos de Freud para compreender como o pai da psicanálise atuava em casos de atendimento com crianças.

Segundo Zimerman (2004), Freud se posicionou contrário a idéia que a psicanálise fosse um método aplicável a crianças, o seu primeiro acompanhamento psicanalítico “o pequeno Hans” foi administrada através das observações feitas pelo pai da criança. O título original desta obra é: análise de uma fobia de um menino de cinco anos.

Sabe-se que com o esclarecimento de suas fantasias e do verdadeiro significado delas, o menino pode superar a sua fobia. Além deste caso Freud acompanhou a outros filhos de amigos seus, mas, de uma forma de orientação aos pais. (Keppe, 2006)

Este atendimento foi um marco na história da psicanálise, porém, Melanie Klein foi a autora considerada por muitos psicanalistas como sendo a mais importante na descoberta do psiquismo infantil e de uma terapêutica eficaz para o tratamento de crianças. (Ibidem)

As contribuições destes, e outros, psicanalistas citados acima foram de um valor incontestável em relação a forma como interpretar os diversos anseios, sentimentos emoções que acometem o ser humano desde os seus primeiros dias de nascimento e até antes,ou seja, desde quando o indivíduo é concebido.

## 4 COMO É VISTA A CRIANÇA NA PSICANÁLISE

Esta maravilhosa ciência que é a psicanálise nos comprova que através da análise com crianças é possível reverter seu sofrimento psíquico no momento em que este se manifesta e realizar uma prevenção para futuras doenças emocionais.

Este trabalho pode ser feito na clínica orientando os pais, escutando a dor, conscientizando a criança de seus anseios, e também na escola através de projetos que enfatizem a liberação das emoções como, por exemplo, através de teatros - feito pelos alunos -, histórias e brincadeiras.

A escola, segundo grupo da criança, necessita, antes de tentar ensinar os conteúdos, criar espaços onde os indivíduos tenham a oportunidade de liberar as emoções e é neste contexto que a instituição escolar necessita de profissionais capacitados, pois, a cognição é somente um dos elementos constituintes do que se pode chamar de personalidade humana, e ela nunca será responsável, de maneira isolada, pelas ações de um indivíduo no mundo.

A inteligência é geralmente associada com a razão e intelecto. Porém, a maneira como o ser humano se comporta ao enfrentar situações problema do cotidiano, e a facilidade de tolerar frustrações, por exemplo, não se destina as pessoas com QI elevado, mas sim a pessoas emocionalmente bem estruturadas.

Para a psicanálise, tudo o que o indivíduo vivencia desde muito antes do seu nascimento serão decisivas na estruturação psíquica. “[...] o bebê percebe, recebe tudo o que acontece ao seu redor desde o nascimento, mesmo in útero, ele é um ser comunicante.” (DOLTO, 1999, p.25)

Seguindo esse pensamento Lacan (apud LEFORT, 1999) esclarece que não há uma Psicanálise de Adultos e uma Psicanálise de Crianças, mas uma Psicanálise que lida com sujeitos do Inconsciente, buscando desvendar a novela fantasmática na qual o Sujeito encontra-se enredado. “A criança é um sujeito por inteiro. (...) não há diferença entre uma cura de adulto e a análise com uma criança”. (LEFORT, 1990, p.1)

Assim, a psicanálise é uma ciência que tem como propósito descobrir as necessidades, complexos, traumas e tudo aquilo que perturba o equilíbrio emocional do indivíduo e que se encontra recalcada (afastada e presa) no inconsciente, visando a reeducação afetiva da pessoa, por meio da conscientização dos motivos que a levam a ter terminados comportamentos ou sintomas<sup>1</sup>.

A psicanálise humanista de Erich Fromm traz o pensamento de que o analista tem a sua frente que se deitar sobre um sujeito histórico, cultural que vive imerso a uma sociedade de onde obteve muitas influencias; familiar, social, política, afetiva, comportamental, ele já escreveu a sua história, precisa agora é compreender o vazio de sua existência.

Estas vivências devem ser analisadas com respeito e amor, pois o analista não é o sujeito detentor do saber, mas sim um porto seguro onde o analisando vem procurar aconchego, apoio e orientação.

A psicanálise humanista leva este nome, não para caracterizar uma demarcação filosófica ou mesmo uma teoria a ser defendida, dentro da psicanálise. Só o fato de atender um paciente implica uma atitude carregada de humanismo esta práxis clínica contem sempre um amor (cuidado orientação, comprometimento) com este paciente. (PEREIRA, 2009, p.78)

A família por ser o primeiro grupo social do indivíduo, tem a função de acolher, proteger, estimular, compreender, alimentar etc., e é desta dinâmica, criança-família, onde se originará os primeiros comportamentos. Um exemplo nítido destas experiências é na interação mãe- bebê, pois, o bebê logo que nasce se identifica com a

---

<sup>1</sup> O que é Psicanálise; Sociedade Contemporânea de Psicanálise.

mãe, passa a percebê-la como parte de si próprio, assim, nesta fase o bebê tem a convicção de que ele e a mãe são uma única pessoa.

Enquanto a criança não obtiver êxito na aquisição de uma “diferenciação”, ela permanecera fixada em uma “indiferenciação”, entre o “eu e o não “eu”, entre si mesma e os outros, e enquanto mais próxima estiver na etapa “simbiótica”, maior será sua crença ilusória e onipotente de que possui uma independência absoluta. (ZIMERMAN, 2008, p.254)

Em uma segunda etapa do desenvolvimento a criança começa a perceber-se como um ser diferente da mãe, começa a ensaiar os balbucios, engatinha, percebe que faz parte do mundo e ele precisa de uma "mãe suficientemente boa", para ser o seu ego quando preciso e sua estimuladora na busca de sua identidade própria como "sujeito".

Segundo Zimerman (2008) estas fases citadas acima são chamadas de: narcisismo primário: designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma; narcisismo Secundário: designa um retorno ao ego da libido retirada dos seus investimentos objetivos.

Sob este aspecto é importante refletir sobre os sofrimentos psíquicos que esta criança futuramente poderá sofrer se estas ou, outras fases do desenvolvimento emocional forem negligenciadas, como por exemplo, uma mãe dependente e narcisista que prolongue esta fase em que o bebê sinta-se altamente dependente dela, realizando todos os seus desejos com excesso de zelo ou uma mãe ansiosa e repressora que antecipe esta fase querendo que a criança passe logo a ter autonomia para se dar bem na vida, achando que assim será um adulto autônomo.

Para Dolto,

[...] se a individuação da criança se produz em seu contexto afetivo e se estrutura em relação a seus desejos, os adiamentos e as privações são necessário para que ela se sinta existir, corporal e psiquicamente. É ao ser separada que a criança se sente potencialmente “existível”. O

excesso de maternalização é prejudicial. (1999, p.176)

É notória que a figura materna e as vivências familiares são imprescindíveis para o desenvolvimento humano, e é devida esta constatação que para prestar atendimento psicanalítico a uma criança seja feito antes a "anamnése " que é uma escuta criteriosa a tudo o que diz respeito a criança desde antes do seu nascimento: como foi a gestação da mãe; a criança foi planejada , foi amamentada no peito, houve algum tipo de patologia, como e quando deixou de usar fraldas, como foi a chegada da criança na família, quem escolheu o nome etc., todas estas informações são carregadas de simbologia e emoções.

Entretanto, para fazer análise com uma criança é sempre preciso a convocação de uma fala dos pais. Esta fala possibilitará, através das entrevistas preliminares, verificar que lugar a criança ocupa no desejo dos pais, que depósitos e projeções os pais fazem sobre a criança e o que a criança faz com tudo isso.

Para Dolto (1990) este trabalho feito junto com o auxílio dos pais em relação as dificuldades da criança “trata-se de reencontrar fios perdidos através de histórias singulares, de compreender situações nas quais o sujeito se extraviou, mais do que de montar um compêndio pedopsiquiatria<sup>2</sup>.” (DOLTO, 1990, p.117).

Haja vista que, quando os pais procuram ajuda a seus filhos, por conta própria ou por encaminhamento escolar, conscientemente desejam uma melhora para os seus, porém os sintomas apresentados pela criança em alguns casos denunciam uma estrutura familiar problemática, e nem sempre eles querem que estas estruturas sejam modificadas.

Para tanto, quase sempre a procura terapêutica é feita pela mãe da criança, quando ela não aguenta mais a pressão social ou familiar, que é quando, por exemplo, a escola chama os pai inúmeras vezes para relatar sobre o comportamento introspectivo ou imperativo da criança, notas a baixo da média, repentina mudança de humor, etc, ou reclamações familiares de desavenças em relação aos irmãos, comportamento

---

<sup>2</sup> A Pedopsiquiatria é uma especialidade médica que avalia e intervém nas perturbações emocionais e do comportamento na infância e na adolescência, e tem como principal objectivo que a criança/adolescente retome o seu normal desenvolvimento psicoafectivo que por várias razões poderá estar estagnado ou em retrocesso.

agressivo ou apático, fobia, enfim , as reclamações são inúmeras.

Porém quando são esclarecidos os motivos pelos qual a criança esta agindo de maneira tão diferente: falta de limites, depressão da mãe, falta de investimento emocional, nascimento de irmão, brigas entre o casal, pais opressores ou permissivos, etc., neste momento a análise sofre um impasse: esta família quer mesmo a mudança? Estão preparados para mudar comportamentos e modificar a dinâmica familiar?

Nesta hora entra o terceiro, o analista, que deve ter certa sensibilidade para não confrontar com a mãe a qual tem que delegar a outra pessoa, que não ela própria a melhora de seu filho como uma ferida narcísica, além de que, promoverá mudanças na dinâmica familiar. Sob esta afirmação é relevante destacar o trecho abaixo de Bergès & Balbabo:

Portanto também com eles convém criar, primeiro, a confiança, mantendo-a, depois, durante o tratamento, sabendo que a ferida narcísica corre, para eles, de um extremo ao outro da responsabilização; apresentam-se culpados, e já sabem pertinentemente que a melhora da saúde de seu filho será essencialmente devida à análise, que ela devera muito pouco a eles. Assim como com seu filho, com eles tudo começa conseqüentemente, por uma transferência negativa, e é preciso primeiro realizar as condições suscetíveis de permitir-lhe jogar sem entraves, e depois transformar-se, mas dissociando-a da que a criança conhece no enquadramento de seu tratamento (1997, p.41).

As neuroses infantis apresentam-se para a criança como forma de sintomas, pois, sempre que as emoções forem recalçadas ou reprimidas, poderão surgir sintomas como: as compulsões, o isolamento, as fobias, o não saber, etc.. Assim, as dificuldades de aprendizagens apresentam-se para a psicanálise como forma de um sintoma emocional.

O tema fracasso escolar necessita de espaço para reflexão, devido a crescente queixa de alunos com notas baixas e a evasão escolar. Quando a criança não consegue atingir um nível intelectual compatível com a sua idade, embora, já tenha sido descartada a possibilidade de algum tipo de dano neurológico ou orgânico e, lhe é oferecido estímulos pedagógicos adequados, provavelmente tais dificuldade estejam

advindo da área emocional.

Sob o respaldo teórico psicanalítico no par educativo: criança - professor deve-se perceber quais as figuras parentais estão presentes nesta dupla, é preciso descobrir que tipo de transferência estará ocorrendo ali para então compreender que emoção estará obstruindo o saber.

Além de que, em alguns casos, a criança pode inconscientemente não desejar aprender para não trair seus pais como se fosse proibido saber mais que seus genitores, [...] “alguma coisa relacionada com as críticas da criança aos pais, com a desvalorização do indivíduo da infância. Parece que a essência do êxito consiste em ter realizado mais que o pai realizou, como se ainda fosse proibido ultrapassar o pai.” (CARVALHO apud FREUD, 2010, p.95)

Para tanto se percebe que não existe uma psicanálise para adultos e outra para a criança, pois ambos têm um psiquismo e passaram, de maneira individual, pelas vivências e os processos de desenvolvimento aqui resumidamente citados, porém a forma como se conduzir a análise é o que diferencia uma da outra, tendo em vista que a criança exige uma série de especificidades. – Sociedade Contemporânea de Psicanálise

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a infância, início do ciclo vital, é uma fase a qual todo o ser humano vivencia, e o modo como aconteceram as vivências nesta fase será decisivo na estruturação psíquica do ser em desenvolvimento.

Através da pesquisa feita em relação aos diferentes sentimentos e modos como a infância e a criança foram tratadas, mostrou quantas atrocidades foram cometidas a criança em diferentes épocas. Com o passar dos séculos a criança começou a ocupar o seu merecido lugar na sociedade e na família, pois os seus direitos foram assegurados em lei. Mas ainda vivemos em um paradoxo porque que ainda hoje em meio a tantas informações algumas crianças continuam a sofrer e passar por situações de maus tratos, abandono, negligência. Como uma forma repetitiva de ver a criança como antigamente era vista: um pequeno ser, sem voz, sem liberdade, sem espaço.

A criança precisa ser vista como um ser inteligente, sensível, autêntico, mas que necessita do amor e proteção dos adultos. o ser humano necessita do outro desde de primeiro instante de vida, e até antes disto, pois o bebê necessita do outro para ser desejado, gestado, cuidado.

Para a construção deste estudo utilizou-se as obras de: Klein, Dolto, Winnicott, Anna Freud; estes renomados psicanalistas foram de absoluta importância para que psicanalistas da atualidade realizem um trabalho frente a criança e a infância com um olhar especial, voltado ao um ser que desde muito antes do seu nascimento já absorveu muita informação.

Para tanto a família assume um importante desempenho relacionado ao

estabelecimento da saúde emocional, esse desempenho inicia-se sob os cuidados da mãe ou quem estiver fazendo este papel, se estende ao pai e posteriormente ao resto da família.

Constatou-se, que a criança atinge maturidade sob o amparo de um ambiente familiar estimulante e seguro. Maturidade é sinônimo de saúde, então, uma criança de quatro anos que é saudável é madura para a sua idade.

Há uma tendência no desenvolvimento do corpo que é inato, por exemplo, a criança fica sentada mais ou menos por volta dos cinco ou seis meses; caminha mais ou menos até o primeiro ano, assim também há um processo evolutivo no desenvolvimento emocional, e esse crescimento não se constata na ausência de condições suficientemente boas.

O ser humano desde que nasce inicia-se um processo de desenvolvimento, porém, sempre com o amparo de alguém, pois diferente dos outros mamíferos, dependemos do outro para aprendermos a nos alimentar, falar, andar, acariciar.

Aprendemos por imitação, sendo assim, se uma criança for criticada ela aprenderá a criticar, se for maltratada aprenderá a maltratar, mas, se for amada aprenderá amar...

Observou-se que não existe uma psicanálise para adultos e outra para crianças, porque todo o adulto tem uma criança dentro de si que já experienciou diferentes aprendizados e sentimentos, já a criança traz consigo o aqui e agora, ou seja, o que ela está vivenciando neste momento. Tanto a criança como o adulto precisa ser escutada, interpretada e levada a fazer suas próprias considerações, pois ambas trazem consigo seus dramas existenciais.

## BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. RJ:Zahar, 1978.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394 de 20/12/1996. Brasília: Congresso Nacional, 1996.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CIPOLA, Marcelo. **O desenvolvimento individual**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARVALHO, Flávio R. Masson. **Psicanálise e Psicopedagogia: contribuições da psicanálise à psicopedagogia**: Jales: tipografia e Editora A Moderna, 2010.

FRONER, Carla C.Mello, **A Preparação Emocional na Infância: Família x Escola**. Santa Maria: ITPOH, 2008.

GHIRALDELLI JR., Paulo. A escola do futuro na época da pós infância In **Paixão de aprender**. n. 9. Porto Alegre: Secretária Municipal de Educação, dez.1995, p.52

LEFORT, Rosine, LEFORT, Robert. **A criança: um analisando por inteiro**. In: L'ane, n° 16. [s.d.]

KEPPE, Marc André. **Curso de Psicanálise. Livro Básico: Histórico, Teorias e técnicas da Psicanálise**. São Paulo: Inteligentes, 2006.

KUHLMANN, Moysés Jr. **Infância e Educação Infantil uma abordagem histórica**. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PEREIRA, Salézio. **A Teoria e a Prática Clínica de Freud a Fromm**. Santa Maria: ITPOH, 2009.

RUBERT, Silvânia. Vínculo: Vincular-se, vinculando-se – as formações psíquicas e as relações vinculares. In: FRONER, Carla; PEREIRA, Salézio (orgs.). **As Interfaces da Clínica Psicanalítica**. Santa Maria: ITPOH, 2009.

SCHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise Larousse**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1975.

\_\_\_\_\_. **Do acto ao Pensamento**. Lisboa: Moraes. 1979.

O que é Psicanálise. Disponível em:

[http://www.scopsi.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4&Itemid=5](http://www.scopsi.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4&Itemid=5)

Acesso em: 14 de out. 2010.

ANNA Freud: análise pedagógica (1895 – 1982). Disponível em <http://www.espacopsicanalitico.com.br/anna.htm> Acesso em: 11 de out. 2010

<http://www.psikontacto.com/servicos-pedopsiquiatria.html> acesso em 31 março, 2011.